

O baile e a quarentena mortífera (XIV)

A primeira vez que vi o vizinho da porta em frente levei um susto. Magro como um bambu agasalhado, baixo sem ser portador de nanismo e antipático como meu professor de latim na época em que ainda havia ginásio. Ginásio hoje em dia é onde se faz ginástica rítmica ao som de Jojo Toddynho. E ainda por cima tinha um bigodinho aparado em cima, em baixo e dos lados. Dei bom dia e ele respondeu “GRRrruumm”.

Como eu era novo no prédio fiquei na minha e esqueci porque raramente o via. E quando o via, lá uma vez ou outra, eu diminuía o passo, disfarçava e esperava ele subir no elevador. Quando eu saía de casa olhava no olho mágico para me certificar que o trajeto estava livre. Olho mágico era um buraquinho que se fazia na porta para enxergar do outro lado. Foi o precursor do interfone. Algum tempo depois, numa das vezes em que tive que diminuir o passo, quando ele subiu perguntei ao Raimundo (um dos porteiros chefes): “*Como é o nome desse meu vizinho?*” “*Ah! É o seu Forêmi...*” E Raimundo emendou dizendo que ele era muito esquisito. Forêmi é um nome esquisito que combina com um cara esquisito, pensei.

O tempo passou, esqueci do Forêmi e raramente o via. Cheguei da sapataria cansado e apressado e Denilson (o outro porteiro chefe) me entregou as correspondências. Pensei: “*Lá vem conta.*” Depois do banho, liguei no Jornal Nacional e comecei a abrir as correspondências.

Uma delas começava: “*Meu lindo, grande e eterno amor...*” Olhei pro lado pra ver se Marli (minha mulher) ou Dona Zilá (minha sogra) estavam bisbilhotando a missiva. Estranhei o linguajar romântico e tive um lampejo de inteligência que eu já não tinha desde a época do ginásio (já falei disso): olhei a parte externa frontal do envelope. Lá estava:

ILMO. SR. MANOEL MEIRELLES MIRANDA MOREIRA – apartamento adivinhem de quem? Do Forêmi. Pensei: “*Putá que pariu, abri a correspondência do cara. E agora?*” Tirei o pijama, botei um arremedo de roupa apresentável na Portaria e fui falar com o Denilson. Ele foi hiper gentil como sempre, pediu desculpas e disse que ia inventar uma história ... que a carta rasurou no caminho e chegou aberta e que ele ia meter um durex. Agradei e quando já ia subindo perguntei: “*Denilson, o nome dele não é Forêmi?*” Denilson deu uma risadinha e me esclareceu: “*Ué, Seu Domi, é MANOEL MEIRELLES MIRANDA MOREIRA: 4 M, vulgo Four M.*” “*Ah! É verdade, boa noite.*”

Fiquei a noite toda pensando naquele enigma desvendado, com cara de sono e de bobo. O tempo passou de novo, esqueci do Forêmi e continuei o vendo raramente.

Mas aí, veio a quarentena mortífera. Ao completar exatos 60 dias de isolamento, eu já não aguentava mais de não dormir direito. Pela primeira vez resolvi aceitar um dormonid do arsenal da Marli, aliás eu estava tão cansado que tomei logo dois. Como eu nunca tinha tomado eu tinha um crédito com a bula.

Meia noite. Foi (era) o sono mais profundo da quarentena quando senti aquela mão enérgica no meu ombro. Dona Zilá (que era 1/2 surda) me sacolejava como um estivador a um saco de batatas: “*Acorda aí, o vizinho ‘tá fazendo um baile, acorda aí, pelo amor de deus, acorda porra...*” Meus olhos teimavam em não abrir, meu corpo não me obedecia. A primeira coisa que pensei foi no vírus, “*peguei o vírus*”, mas aos poucos fui vendo que era a sogra me sacolejando. Como um prisioneiro do Estado Islâmico levantei e fui falar com o Denilson.

“*Denilson, o vizinho está dando um baile funk, minha sogra não consegue dormir, mesmo sendo surda.*” “*Seu Domi, hoje é sábado e ele avisou, está comemorando a mudança de nome. A justiça autorizou.*” “*Mudança de nome?*”

“*É, ele não gostava de Forêmi. Agora é Bernardo Orlando Lourenço de Souza Oliveira.*”

Apesar do dormonid fiz um esforço para não ser surpreendido por um novo enigma. Depois de 1 minuto e meio perguntei ao Denilson. “*Por acaso ele é Bolsonaro?*”

Denilson, surpreso com meu ataque súbito de inteligência, sorridente disse: “*É, doente. Agora o nome dele é B.O.L.S.O.*” Naquela noite, apesar da surdez, Dona Zilá dormiu com meu abafador de ruído dos tempos da Barata Ribeiro pré-quarentena. ●●●